

OPERÁRIAS INVISÍVEIS: O TRABALHO FEMININO NA APICULTURA NO PIAUÍ, BRASIL

Rebeca Hennemann Vergara de Souza¹

 <https://orcid.org/0000-0002-8827-4393>

Juliana do Nascimento Bendini²

 <https://orcid.org/0000-0001-7227-7170>

RESUMO

A invisibilidade histórica do trabalho feminino no meio rural é produto da sua divisão sexual, que associa as tarefas desempenhadas pelas mulheres na propriedade à ajuda. Este trabalho objetivou refletir sobre a invisibilidade do trabalho das mulheres na apicultura, inclusive em estudos que buscam mensurar o valor econômico da atividade. Realizamos uma pesquisa bibliográfica relativa a esses estudos, focados no estado do Piauí, e foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com 13 mulheres apicultoras de dois municípios, entre 15 e 55 anos, formalmente vinculadas às associações de produtores de mel. Observamos uma nítida divisão de gênero no desempenho das atividades, com o predomínio das mulheres nas atividades relacionadas ao beneficiamento do mel, aproximando-as da esfera doméstica e do cuidado. O trabalho no apiário e o macacão emergiram como marcadores de gênero. O questionamento da força física para trabalhar com as colmeias e da tolerância às ferroadas estão dentre as práticas sexistas mais frequentes experimentadas por elas. A naturalização da divisão sexual do trabalho apícola se assenta, principalmente, na identificação do trabalho feminino como uma ajuda à atividade de maridos, companheiros e pais, mesmo quando as mulheres indicam possuir as próprias colmeias e conhecimento e prática anterior aos homens com os quais trabalham. Concluímos que a participação da mulher na apicultura é lida na chave do trabalho doméstico-cuidado, ocultando-se assim a contribuição econômica de sua atividade. Considerando-se o impacto socioeconômico da atividade no Piauí, cabem mais estudos que permitam compreender as articulações entre trabalho, gênero e renda na apicultura.

Palavras-chave: Apicultura. Agricultura Familiar. Divisão Sexual do trabalho.

INVISIBLE WORKERS: WOMEN'S WORK IN BEEKEEPING IN PIAUÍ, BRAZIL

ABSTRACT

The historical invisibility of women's work in rural areas is a product of their sexual division, which associates women's tasks on the property with helping. The aim of this paper is to reflect on the invisibility of women's work in beekeeping, including in studies that attempt to measure the economic value of this activity. A bibliographic review of these studies was conducted, focusing on the state of Piauí. Semi-structured interviews were conducted with 13 beekeepers from two cities, aged between 15 and 55 years, formally affiliated to honey producers' associations. A clear gender divide was observed in the performance of activities, with women dominating in activities related to honey processing, which brings them closer to the domestic sphere and care. Working in the apiary and wearing overalls emerged as gender markers. The questioning of the physical strength to work with the hives and the tolerance of the stings are among the most frequent sexist practices experienced by women. The naturalization of the sexual division of labour is mainly based on the identification of women's work as helping their husbands, partners and fathers, even though women claim to have

¹ Mestre em Sociologia (UFRGS). Doutoranda pelo Programa de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: rebeca@cpm.uespi.br.

² Doutora em Zootecnia (FMVZ/UNESP). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFPI). Professora adjunta da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (MDMA/UFPI). Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Abelhas do Semiárido Piauiense (GEASPI/UFPI). E-mail: jbendini@ufpi.edu.br.

their own hives and knowledge and practice before the men with whom they work. The conclusion is that women's participation in beekeeping is read in terms of domestic and care, thus hiding the economic contribution of their work. Given the socio-economic impact of this activity in Piauí, more studies are needed to understand the links between work, gender and income in beekeeping.

Keywords: Beekeeping. Family Farming. Sexual Division of Labor.

OBRERAS INVISÍVEIS: O TRABALHO DAS MULHERES NA APICULTURA DE PIAUÍ, BRASIL

RESUMEN

La invisibilidad histórica del trabajo de las mujeres en el medio rural es resultado de la división sexual del trabajo, que asocia sus tareas al papel de ayuda. Este estudio reflexiona sobre la invisibilidad del trabajo femenino en la apicultura, incluso en investigaciones que buscan medir el valor económico de esta actividad. Se realizó una revisión bibliográfica centrada en el estado de Piauí, además de entrevistas semiestructuradas con 13 mujeres apicultoras de dos municipios, con edades entre 15 y 55 años, todas vinculadas formalmente a asociaciones de productores de miel. Los resultados evidencian una clara división de género en las actividades apícolas, con predominio femenino en el procesamiento de la miel, lo que las vincula a la esfera doméstica y del cuidado. El colmenar y el uso de overoles surgieron como marcadores de género. Cuestionamientos sobre su fuerza física o su tolerancia a las picaduras son ejemplos de prácticas sexistas recurrentes. La división sexual del trabajo se naturaliza a partir de la idea de que las mujeres solo ayudan a sus maridos, padres o compañeros, aun cuando ellas mismas poseen colmenas y conocimientos previos a esos vínculos. Se concluye que la participación femenina en la apicultura es interpretada como una extensión del trabajo doméstico y de cuidados, lo que invisibiliza su contribución económica. Dado el impacto socioeconómico de la apicultura en Piauí, se destaca la necesidad de más estudios que analicen las relaciones entre género, trabajo e ingresos en este sector.

Palabras clave: Apicultura. Agricultura Familiar. División Sexual del Trabajo.

INTRODUÇÃO

A apicultura é uma atividade agropecuária que consiste na criação racional de abelhas *Apis mellifera*, um inseto social, que vive em colônias, e que produz vários produtos de valor econômico e social para os seres humanos: mel, cera, pólen, própolis, apitoxina e geleia real. Reconhecida como uma atividade sustentável do ponto de vista econômico, social e ambiental, a apicultura é capaz de gerar renda, direta e indiretamente, e contribuir com a preservação ambiental, já que não apenas a atividade depende da existência de matas preservadas, como as abelhas realizam um trabalho essencial de polinização.

No Piauí, a apicultura se destaca pela geração de renda e melhoria das condições de vida para os agricultores, especialmente na região semiárida (Veloso-Filho *et al.*, 2012; Carvalho *et al.*, 2019). Ainda que recentemente tenha-se observado um movimento de caracterizar e enquadrar a apicultura como “agronegócio”, agenciado por atores privados ligados a multinacionais, como a Bayer, e ao empresariado brasileiro, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), essa atividade é desenvolvida predominantemente por pequenos produtores familiares (Khan *et al.*,

2014). Esse produto de caráter familiar ocupa o terceiro lugar entre os produtos exportados pelo Piauí (Brasil, 2024), atrás da soja e, a depender das condições climáticas, das ceras vegetais.

Características próprias da atividade tendem a favorecer a reprodução de representações patriarcais em torno da divisão sexual do trabalho no campo, o que frequentemente oculta a presença feminina na apicultura. Isso não significa, entretanto, que não existam iniciativas, partindo das próprias mulheres, ou estimuladas por agentes externos, para sua inserção na atividade. Significa que o trabalho feminino, muitas vezes, não é percebido nem valorado nos mesmos termos que o masculino.

A invisibilidade histórica do trabalho feminino no meio rural é produto da sua divisão sexual, que associa as tarefas desempenhadas pelas mulheres na propriedade à ajuda, apagando seu valor econômico, criativo e técnico. A divisão sexual está relacionada, também, à valoração social de quem o executa e não dele mesmo (Hirata; Kergoat, 2007). Assim, as atividades realizadas pelos homens valem mais que as das mulheres, independente das métricas que possam demonstrar sua contribuição à reprodução familiar.

Desta forma, este artigo objetivou refletir sobre a invisibilidade do trabalho das mulheres na apicultura, inclusive nos estudos que buscam mensurar o valor econômico da atividade para a pequena propriedade e para a agricultura familiar. Para tanto, nos valem de uma pesquisa bibliográfica relativa a esses estudos, focados no estado do Piauí, e em dados exploratórios coletados por meio de uma entrevista semiestruturada realizada com 13 mulheres apicultoras de dois municípios piauienses, entre 15 e 55 anos de idade, formalmente vinculadas às associações de produtores de mel.

COMO UMA OPERÁRIA SOBRECARGADA: A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E AS JORNADAS DAS MULHERES

As abelhas *Apis mellifera* são seres sociais que vivem em uma colônia. A colônia é uma organização composta basicamente por fêmeas: rainhas e operárias. O macho, chamado zangão, possui função reprodutiva. Segundo Free (1980, p. 3), “as rainhas de *Apis* são especializadas para pôr ovos; todas as outras tarefas são realizadas por operárias morfologicamente idênticas”. Uma operária vive, em média, 42 dias, ao longo dos quais, conforme a idade, “empreende quatro séries superpostas de tarefas, como segue: a) limpeza de células; b) alimentação de larvas, construção de favos; c) construção de favos; recepção de néctar; acondicionamento de pólen; limpeza de células; remoção de entulhos; guarda; d) coleta” (Free, 1980, p. 4). A coleta implica a realização de atividades fora da colônia, como a coleta de néctar, pólen e água.

Neste sentido, uma colmeia é uma organização social cuja atribuição de funções não se dá por outra coisa que não os estímulos recebidos pelas abelhas para atender às suas próprias necessidades, pelo menos até onde nosso conhecimento atual sobre elas alcança. Segundo Free (1980, p. 15), “a

distribuição bem-sucedida de *Apis* deve-se muito à habilidade da colônia de se ajustar a mudanças sazonais e de exercer um controle considerável sobre seu meio físico interno”.

Uma família humana também é uma organização social com distribuição e especialização de funções. Entretanto, ao contrário da vida social das abelhas, a vida humana é atravessada pela capacidade de atribuir sentidos e significados, indo além da resposta à interação meio externo-meio interno. Ainda assim, as abelhas e a colônia são fontes de representações para a família humana.

É comum que, especialmente em datas comemorativas relacionadas ao feminino, como o Dia das Mães, se acione a representação da Abelha Rainha para simbolizar o ente feminino com função reprodutiva em torno do qual a família patriarcal se estrutura, ao lado do seu par masculino. A representação patriarcal da colônia estabelece assim uma supervalorização do zangão relacionada ao valor social atribuído ao homem-provedor na família. Não é incomum que as abelhas operárias sejam representadas em desenhos animados, como o filme *Bee movie* (2007), e histórias infantis como machos, acionando a representação de que o trabalho de provimento deve, por natureza, ser masculino.

A representação patriarcal da colmeia não diz respeito a alguma ordem natural das abelhas; pelo contrário, informa sobre as construções sociais em torno do trabalho entre homens e mulheres no interior das famílias. Essa divisão de atividades está diretamente vinculada às normas de autoridade dentro do grupo doméstico (Garcia, 1983). O homem, “o pai ou chefe da família”, é aquele que trabalha não apenas porque realiza a atividade considerada produtiva, mas também porque a ele cabe a organização das tarefas da unidade produtiva. À mãe, “a dona da casa e rainha do lar”, “cabe organizar as tarefas da casa que possibilitam o consumo do grupo doméstico” (Garcia, 1983, p. 59), o que não é reconhecido como trabalho. A oposição “trabalho de homem” e “trabalho de mulher” permanece atual, a que pesem suas transformações (Hirata; Kergoat, 2021).

A representação da mulher-mãe como Abelha Rainha oculta, então, sua condição de operária sobrecarregada, ou seja, de trabalhadora explorada em um sistema que naturaliza a divisão sexual do trabalho e desvaloriza o trabalho reprodutivo e doméstico. No meio rural, as desigualdades de gênero estão relacionadas à naturalização dos papéis atribuídos a homens e mulheres, vinculados, por sua vez, à sua posição hierárquica dentro das famílias, compreendidas como unidade produtiva e reprodutiva (Brumer; Anjos, 2008). Se falamos em desigualdades, implica reiterar que compreender a família como unidade produtiva e reprodutiva não deve implicar perceber esse arranjo como harmônico e unificado, em que os papéis são reproduzidos sem conflitos (Schwendler, 2020).

A base material da hierarquia e da distribuição de papéis está no trabalho, mais especificamente, na sua divisão sexual. Para Kergoat (2009, p. 67), “a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão social do trabalho decorrente das relações sociais entre os sexos [...] historicamente adaptada a cada sociedade”. Sua característica central, segundo a autora, é a destinação diferenciada

de homens e mulheres a esferas distintas. Enquanto os homens são preferencialmente destinados à esfera produtiva, ocupando-se de funções de alto valor social agregado, as mulheres são designadas à esfera reprodutiva, ocupando-se de funções de baixo valor social agregado.

O trabalho sexualmente dividido é organizado por dois princípios: o da separação, que estabelece que existem os de homens e os de mulheres; e o princípio da hierarquização, que postula que os trabalhos de homem valem mais que os da mulher (Kergoat, 2009). Esses princípios se objetivam, no meio rural, na divisão de responsabilidades entre homens, no tocante ao trabalho produtivo da agricultura, e mulheres, nas tarefas de cuidados domésticos e *care*. Em consequência, como observam Brumer e Anjos (2008, p. 7), “as posições de agricultor, chefe de estabelecimento e pai estão imbricadas” e a força de trabalho da família (esposa, filhos, pais idosos) é disposta pelo homem em um arranjo produtivo-familiar específico, distinto daquele adotado pelo empresário capitalista no mercado.

Um primeiro aspecto a ser destacado diz respeito à representação social do trabalho de homens e mulheres. Como apontam Hirata e Kergoat (2007), o valor social do trabalho não é intrínseco à sua natureza, mas sim atribuído em função de quem o executa. Por isso, aqueles executados por homens “valem” – simbólica e economicamente – mais que os executados por mulheres. Essa hierarquização se expressa na forma como são qualificados (Paulilo (1987): o dos homens é “pesado”, o das mulheres “é leve”. Os homens trabalham “de sol a sol”, as mulheres, na “sombra da casa”. Os homens “vão para a roça”, as mulheres “ficam em casa”. Os homens “fazem uma coisa por vez”, as mulheres “conseguem fazer várias coisas ao mesmo tempo”.

Como demonstra Paulilo (1987, p. 7), “o trabalho é ‘leve’ (e a remuneração é baixa) não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia familiar”. No cotidiano, as mulheres rurais realizam uma série de trabalhos relacionados ao cuidado doméstico e ao *care*, que exigem força física e dispêndio significativo de energia. Essas tarefas incluem cortar lenha, carregar água, lavar roupa, carregar crianças pequenas e dar banho em adultos acamados, pois, como afirmam Hirata e Kergoat (2021), o trabalho reprodutivo contempla o doméstico, o parental e o de saúde. Isso significa que o trabalho reprodutivo rural inclui atividades como cultivo de hortas, lavouras e pomares e criação de animais, as quais, muitas vezes, podem qualificar-se duplamente como reprodutivas e produtivas. Além disso, cumpre lembrar que, quando realizadas por homens, tais tarefas são qualificadas como “pesadas” e, quando realizadas por mulheres, leves. Embora o trabalho das mulheres rurais não esteja circunscrito ao doméstico e ao *care* (Neves; Medeiros, 2003), as atividades agrícolas e agropecuárias, incluindo o beneficiamento de alimentos para consumo interno ou comércio, não são reconhecidas como parte da agricultura familiar (Brumer, 2004; Brumer; Anjos, 2008).

Neste sentido, distante da representação romântica da Abelha Rainha, as mulheres no mundo rural enfrentam uma realidade de operárias sobrecarregadas. Suas jornadas são frequentemente duplas ou triplas, caracterizadas pela sobreposição de trabalho produtivo e reprodutivo e ritmo intenso e exaustivo. Essa dinâmica resulta em invisibilidade social e pouco reconhecimento de seu papel como trabalhadoras (Neves; Medeiros, 2013).

Um segundo aspecto diz respeito à valoração e à mensuração econômica do trabalho feminino. Como ajuda, este não é remunerado nem contabilizado como produtivo. As atividades agrícolas e agropecuárias realizadas pelas mulheres, mesmo quando despendem de igual esforço e tempo que os homens, são vistas como ajuda ao marido ou à família, extensão natural de seu papel como mãe ou esposa e desprovidas de caráter econômico (Brumer, 2004).

As atividades reprodutivas, relacionadas aos trabalhos domésticos e ao *care*, são reconhecidas como inerentemente femininas e atribuídas às mulheres por amor (Melo; Morandi, 2020; Hirata; Kergoat, 2021). Os cuidados incluem tarefas como preparar alimentos, limpar os espaços internos e externos da casa, atender e cuidar das necessidades das crianças, pessoas idosas, doentes ou com alguma incapacidade permanente ou temporária. Esses cuidados são atribuídos às mulheres desde a infância e permanecem mesmo quando constituem suas próprias famílias ou desempenham atividade produtiva fora da unidade familiar (Melo; Morandi, 2020). Mesmo nos casos em que o trabalho doméstico e de cuidado é delegado, a responsabilidade pela sua gestão – seja em termos logísticos ou financeiros – permanece com as mulheres (Sorj, 2014; Melo; Morandi, 2020).

Uma das consequências práticas da destinação diferencial do trabalho de homens e mulheres é a relativa indistinção entre os espaços e entre as atividades, no caso das mulheres. Os espaços em volta da moradia (terreiros, quintais, hortas) são percebidos como uma extensão da casa, dificultando a distinção entre o trabalho realizado dentro e fora do lar. A atividade doméstica estritamente ligada à manutenção diária da moradia, como varrer e limpar, mistura-se às tarefas agropecuárias e agrícolas, mesmo quando parte da produção é destinada à comercialização.

AS OPERÁRIAS INVISÍVEIS: O TRABALHO FEMININO NA APICULTURA NO PIAUÍ

A pesquisa bibliográfica foi realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Três consultas foram conduzidas no repositório. Na primeira, utilizamos os termos “apicultura” e “Piauí” no campo “todos os assuntos”, entre os anos 2000 e 2020, e obtivemos 19 resultados. Desses, quatro resultados foram descartados por não corresponderem à delimitação geográfica do estudo, e outros seis por não tratarem de aspectos relativos a seres humanos, sendo análises entomológicas ou de aspectos físico-químicos de produtos da colmeia. A segunda foi realizada com os termos “mel” e “Piauí”, com 24 trabalhos. Desses, 22 foram descartados por tratarem de temas alheios ao foco da

pesquisa, e um foi excluído por duplicação, já que havia sido identificado na busca anterior. Na terceira, utilizamos os termos “apicultura”, “mulheres” e “Piauí” para o mesmo período, resultando em apenas um trabalho, previamente identificado na consulta inicial.

Para analisar os trabalhos em relação à presença ou ausência de mulheres na apicultura, seguiram-se três etapas metodológicas:

1. Leitura dos resumos, para identificar o tratamento dado à dimensão de gênero, especialmente no objetivo ou nos resultados.
2. Busca de termos específicos nos textos completos, como “mulher,” “gênero,” “sexo,” “apicultora,” “trabalhadoras rurais,” “esposas” e “família”.
3. Análise contextual dos trechos identificados na etapa 2, com leitura dos extratos para determinar sua relevância para o tema.

Quadro 1 – Teses e dissertações selecionadas para pesquisa bibliográfica

Item	Natureza/ Instituição	Ano	Título	Autor(a)
1	Tese/Unesp	2013	Dinâmica no uso da terra de 1991 a 2010 da região semiárida do estado do Piauí: cajucultura e apicultura	Francisco Carlos Gândara
2	Dissertação/ UFCE	2010	Apicultura na microrregião de Picos – um estudo de caso	Francisco das Chagas da Costa Holanda
3	Dissertação/ Unesp	2010	A importância dos arranjos produtivos locais para o desenvolvimento local: o caso da aglomeração produtiva apícola no município de Picos – Piauí	Samara Silva Siqueira
4	Tese/UFPE	2009	Desenvolvimento territorial recente em espaços sub-regionais dinâmicos no Piauí	Antonio Carlos Façanha
5	Tese/UFTPR	2020	Correlações entre o trabalho dos técnicos em apicultura e as comunidades rurais pesquisadas da microrregião de São Raimundo Nonato: coconstrução de tecnologias	Soraya Oka Lôbo
6	Dissertação/ UFRPE	2014	Centrais de cooperativas agrícolas e desenvolvimento local: a experiência da Central de Cooperativas Apícolas do Semiárido Brasileiro – Casa APIS	Manuella Carolina Costa de Oliveira
7	Dissertação/ FGV	2008	Melhorias em arranjos produtivos locais: lições de dois casos nordestinos	Paulo Jordão de Oliveira Cerqueira Fortes
8	Dissertação/ UnB	2010	O oitavo do cipó e o desafio da ação cooperativa de agricultores familiares: um estudo de caso sobre os empreendimentos econômicos e solidários das cadeias produtivas do mel e do caju, no território do Vale do Guaribas, PI	Claiton José Mello

Fonte: Elaboração própria (2023)

Dos oito trabalhos analisados (Quadro 1), cinco referem-se à apicultura como atividade da agricultura familiar, destacando seu potencial para a diversificação das atividades em virtude do seu baixo custo de implantação e da capacidade de conciliação com outras atividades produtivas (Holanda, 2010). Oliveira (2014) ressalta o papel do cooperativismo para a apicultura.

Todos os trabalhos tratam a família da agricultura familiar como uma unidade única, na qual a mobilização da força de trabalho familiar é caracterizada “por reunir os esforços de todos os membros da família, com vistas ao benefício de todos, havendo uma necessária aproximação entre unidade de produção e unidade de consumo” (Brumer, 2004, p. 2012). Esta reunião de esforços, entretanto, invisibiliza as hierarquias e subordinações no interior da unidade familiar e dificulta a identificação do trabalho específico de crianças, jovens e mulheres. Um espaço privilegiado para reconhecer a diluição das mulheres nos ambientes produtivos agropecuários são os agradecimentos dos trabalhos acadêmicos. Em apenas dois trabalhos as encontramos citadas como interlocutoras de campo (Lôbo, 2020) ou mediadoras institucionais (Holanda, 2010).

Fortes (2008, p. 4) “retrata a dificuldade enfrentada por comunidades agrícolas de pequenos produtores no Nordeste brasileiro na manutenção de relações comerciais duradouras e na implementação de melhorias” por meio da análise de dois arranjos produtivos, o do babaçu, do Maranhão, agenciado especialmente pelas quebradeiras de coco, e a apicultura, em Simplício Mendes, no Piauí. No texto, encontramos 23 menções à mulher ou a mulheres, das quais apenas cinco referem-se especificamente à apicultura. Ainda, dentro deste campo semântico, encontramos uma alusão à “apicultora” e um item relativo a uma “comunidade apícola feminina”.

A comunidade apícola feminina é citada no anexo como a 13ª melhoria, em ordem cronológica, dentre as 13 realizadas pela Associação Apícola de Simplício Mendes. Contudo, não é objeto de análise. Em 2005, quando a pesquisa foi realizada, a iniciativa não era formalizada, mas estava em fase de constituição na Comunidade Moreira, no município, com o objetivo de “inserir mulheres da microrregião de Simplício Mendes na apicultura e em outras atividades de subsistência, garantindo, assim, o valor da mulher na região” (Fortes, 2008, p. 111).

O autor informa que “as mulheres da comunidade de Moreira possuem conhecimento em práticas de colheita (adquiridas durante colheita comunitária realizada em apiários da comunidade), mas não participam formalmente de palestras e seminários fornecidos na região” (Fortes, 2008, p. 111). Esse dado pode indicar o que Brumer (2004) descreve como uma das formas de subordinação feminina no arranjo produtivo familiar, em que as mulheres são excluídas do acesso direto ao conhecimento técnico e à capacitação formal.

A divisão sexual do trabalho implica também uma divisão entre trabalho intelectual (gerência) e trabalho manual, em que os homens são destinados preferencialmente ao conhecimento técnico-

formal para gerenciamento da atividade. Além disso, os contatos com o mundo exterior, inclusive com extensionistas, professores universitários e outros executores de políticas públicas, são realizados pelos homens, o que se relaciona diretamente às jornadas domésticas das mulheres.

Por outro lado, o trabalho de Fortes (2008, p.72) também aponta que a origem das melhorias nos arranjos produtivos seria a demanda interna às comunidades para inserção da mulher nas atividades apícolas (seminários, educação e participação na renda familiar). Neste sentido, diante da ausência de um estudo que foque nessas mulheres, podemos indicar como caminho inicial para a problematização três aspectos: a. o contexto sociopolítico favorável para a emergência e institucionalização de demandas das mulheres rurais; b. as transformações mais amplas nas relações de gênero, ainda que fragmentadas, favoráveis a uma ampliação do protagonismo das mulheres e sua busca por maior inserção nas redes de economia formal e educacional; e c. o papel das políticas públicas para a promoção de renda e trabalho para as mulheres.

A tese de Lôbo (2020, p. 9) “analisa as coconstruções de tecnologias resultantes do trabalho dos técnicos em apicultura formados no Colégio Técnico de Floriano nas comunidades rurais em que vivem e/ou atuam”. A autora entrevistou sete técnicos, sendo duas mulheres. Eles são identificados no texto como Zangão e Rainha. No trabalho, identificamos 17 menções à mulher ou a mulheres, sendo 12 relativas ao trabalho delas na apicultura.

Dentre os trabalhos selecionados, Lôbo é a única a identificar explicitamente “questões de gênero”, apontando:

1. Que na microrregião pesquisada (São Raimundo Nonato), a atividade apícola é masculinizada, com as mulheres representando 30% da força de trabalho, ainda que não esclareça se o percentual se refere aos filiados à cooperativa da microrregião ou à força de trabalho efetivamente envolvida com a atividade nas unidades familiares.
2. Que há tarefas especializadas conforme o gênero e que as mulheres “possuem mais facilidade” na desoperculação³ dos quadros e manejo das crias.
3. Que há uma divisão social e técnica do trabalho tanto na casa do mel quanto no apiário.
4. Que há hierarquização das atividades realizadas por homens e mulheres.

A invisibilidade das mulheres na literatura sobre apicultura no Piauí, que procuramos apontar mediante este exercício de revisão de literatura em teses e dissertações em um período de 20 anos, também é percebida na pesquisa de campo.

A pesquisa de campo, de natureza exploratória, foi conduzida em dois municípios piauienses, em Campo Maior, ao Norte do estado, e em uma localidade de Paulistana, na região Sudeste. Foram entrevistadas 13 mulheres, sendo 11 casadas e duas solteiras, entre 15 e 55 anos, pertencentes a

³ A desoperculação é a retirada da camada de cera que sela os favos de mel. É uma atividade necessária e anterior à extração do mel.

associações de produtores de mel. Das 13 entrevistadas, seis possuem colmeias, seis não possuem e uma informou que são divididas com o marido. Cinco atuavam na apicultura há menos de um ano; seis entre três e sete anos; e duas há mais de dez anos. Com exceção de uma, as demais se identificam como apicultoras e todas se identificam como trabalhadoras rurais. Seus nomes indicados nas citações são fictícios.

Na maioria dos casos, o ingresso na apicultura ocorreu pelo casamento ou por incentivo de parente do sexo masculino, constituindo uma forma de ajuda na tarefa:

Foi por causa do meu padraсто que trabalhava com mel, sempre vivemos do mel (Maria).
Quando eu me casei, daí eu me tornei apicultora (Joana).
Foi desde que meu marido começou a mexer (Fátima).

Observamos uma nítida divisão de gênero no desempenho das atividades, com o predomínio das mulheres nas atividades relacionadas ao beneficiamento do mel⁴. Assim como na pesquisa de Lôbo (2020), a divisão sexual do trabalho foi apresentada como algo naturalizado, geralmente interpretado como uma “preferência” ou um “combinado” entre homens e mulheres. O trabalho na casa do mel reproduz uma alocação recorrente no trabalho rural, como apontada por Brumer (2014, p. 211), em que as atividades realizadas pelas mulheres estão relacionadas “principalmente à limpeza da terra e colheita, seleção e embalagem dos produtos e ao processamento dos produtos agrícolas”.

O “mato” – termo utilizado para identificar o trabalho no apiário – e o uso do macacão⁵ emergiram nos discursos das mulheres como marcadores de gênero. Essas marcas reforçam a diferenciação entre o trabalho considerado masculino, associado ao campo e à manipulação direta das colmeias, e o trabalho feminino, que é restrito ao beneficiamento e à organização na casa do mel.

Eu vou pouco pro mato, esse ano eu tô indo pro mato, dentro da casa do mel não tem o que eu não faça (Francisca).
Quando estamos tirando, a maioria é mulher; a mulher do marido é quem mais trabalha na casa (Fátima).
Eu mesma não mexo muito, não tenho farda. Ajudo no campo, a botar cera, mas trabalhar com as ôropa⁶ eu nunca trabalhei, ajudo a colocar no mato até lá perto (Fabiana).

A divisão sexual se expressa não apenas nas atividades, mas também no espaço da atividade apícola ocupado por homens e mulheres. Isso parece estar relacionado a qualidades femininas pressupostas (Brumer, 2014), das quais destacamos: a. a possibilidade que as mulheres têm de associar o trabalho na casa do mel⁷ às outras atividades produtivas e reprodutivas, inclusive mantendo

⁴ Processo que transforma o mel in natura em um produto comercializável. Inclui diversas etapas, definidas pela Portaria SDA nº 795, de 10 de maio de 2023 (Brasil, 2023).

⁵ O macacão compõe a indumentária apícola, juntamente com a máscara, luvas e botas, permitindo o trabalho com as abelhas no campo.

⁶ Orôpa é um dos nomes populares dado às abelhas com ferrão (*Apis mellifera*).

⁷ Refere-se à unidade de beneficiamento de mel, construída especificamente, segundo normas técnicas próprias, para beneficiamento e comercialização do mel. Ver: Portaria SDA nº 795, de 10 de maio de 2023 (Brasil, 2023).

os filhos próximos e/ou contando com a sua ajuda; b. a maior habilidade e capacidade de realizar tarefas repetitivas, tediosas, intensivas e que exijam muita atenção, ainda que fazendo várias coisas ao mesmo tempo, como é o caso do beneficiamento do mel; c. a maior docilidade, o que se relaciona ao tipo de atividade, mas também à sua disposição para ajudar, considerando-se o reconhecimento mais ou menos genérico dos papéis atribuídos aos gêneros.

A naturalização da divisão sexual do trabalho apícola não se assenta no medo das abelhas, negado pela maioria das mulheres, nem na não realização de atividades de manejo. Ao contrário, essa naturalização está principalmente vinculada à percepção de que o trabalho feminino é uma extensão ou “ajuda” às atividades de maridos, companheiros e pais. Essa visão persiste mesmo nos casos em que as mulheres possuem suas próprias colmeias, apresentam conhecimento técnico ou possuem mais experiência prática que os homens com quem trabalham.

Ajudando a tirar, a colher (Fátima).

Eu ajudo a colher o mel, limpeza da casa do mel, precisou, tô ajudando (Luisa).

Às vezes ele nem me chama para ir pro mato, mas é pesado, eu tenho pena dele e vou (Fabiana).

Também cabe destacar a “ajuda” como uma resposta das mulheres às necessidades de seus companheiros ou pais – quando eles precisam ou quando elas têm pena. Por um lado, pode-se pensar na existência de uma maior capacidade feminina de perceber as necessidades dos membros da família, o que estaria vinculado ao processo educativo dos gêneros, e à maior disponibilidade de sua mão de obra como apoio, seja porque as hierarquias são acionadas, seja porque a ajuda é interpretada pelas atrizes e atores sociais como parte do trabalho de cuidado, sendo realizada por amor (Hirata; Kergoat, 2021). Por outro lado, este é um aspecto que merece um aprofundamento posterior, pois pode indicar uma complexidade do exercício dos papéis e das relações de poder no interior das famílias maior do que aquela avaliada neste trabalho. Neste sentido, pode ser interessante olhar a ajuda das mulheres rurais como atividade capaz de integrar diferentes esferas da vida, em um olhar para a produção do viver (Moreno; Godinho; Faria, 2021).

Quando compreendido como “ajuda”, o trabalho feminino é contabilizado “como parte de um esforço coletivo” (Brumer, 2004, p. 211). Isso impacta diretamente a remuneração financeira e sua capacidade decisória sobre a renda oriunda da apicultura. Além disso, o trabalho de ajuda é considerado “mais leve” quando comparado ao trabalho “pesado” que os homens realizam (Schwendler, 2020). Assim como Paulilo (1987, p. 6-7) identificou em outros contextos rurais, “‘pesado’ é o trabalho que exige força física e é sempre feito por homens adultos” (grifo da autora).

Os pares ajuda/trabalho, leve/pesado, casa do mel/mato se assemelham, em alguma medida, à relação encontrada por Heredia (1979) e Garcia Jr (1983) entre a casa e o roçado – em alguma medida porque não temos como afirmar que se trata, no contexto estudado, de uma oposição, sendo possível

que a operação destes pares apresente outros arranjos, o que exige estudos mais aprofundados. Para Heredia, a oposição casa-roçado é mais que uma simples divisão de tarefas, uma vez que “organiza toda a experiência de vida das unidades familiares, incluindo também as instâncias da vida cotidiana” (Heredia, 1979, p. 77), sendo definidora do que representa o trabalho e o não trabalho.

Por outro lado, quando identificamos as atividades realizadas pelas mulheres, percebemos que elas participam, guardadas as especificidades individuais, de todas as etapas do processo produtivo. Isso inclui atividades que demandam força física, em jornadas de trabalho que, em termos de horas ou esforço exigido, não diferem das masculinas. Nesse contexto, a classificação do trabalho como leve ou pesado não está intrinsecamente relacionada às características da atividade em si, mas à posição relativa de quem a desempenha (Paulilo, 1987; Brumer, 2004; Hirata; Kergoat, 2007; Schwendler, 2020) e aos princípios organizadores da vida social.

O caráter social da qualificação do trabalho emerge ainda quando questionamos as mulheres sobre as práticas sexistas que experimentam com mais frequência, estando elas relacionadas aos limites/capacidades do corpo. Os homens ao seu redor acionam um conjunto mais geral de representações associadas às diferenças sexualizadas entre eles e as mulheres, também registradas por Lôbo (2020). “Apicultura é um serviço muito pesado para mulher” e “duvido que aguento uma colmeia cheia com as abelhas te ferroando” estão entre as afirmações mais frequentes ouvidas pelas apicultoras. Se a naturalização do trabalho na casa do mel reproduz o lugar doméstico da mulher, com tarefas minuciosas e repetitivas relativas à limpeza, ao preparo e à higiene de alimentos, as representações sobre sua fragilidade física também as reposicionam no polo improdutivo e doméstico do trabalho.

Dessa forma, homens e mulheres utilizam o “usar ou não usar” o macacão como um marcador de gênero, que delimita igualmente o espaço da atividade. Vestir o macacão significa trabalhar no mato, participar do trabalho “pesado” e produtivo da apicultura. O não reconhecimento de que as mulheres também vestem o macacão e desempenham atividades no mato e que o trabalho na casa do mel é parte essencial da cadeia produtiva diz mais sobre a divisão sexual do trabalho, a valoração e o consequente aumento da importância do trabalho das mulheres do que sobre a natureza do trabalho apícola.

CONCLUSÃO

Assim como na literatura, nos desenhos animados e em outras representações, resistimos a caracterizar o trabalho das abelhas operárias em uma colônia de *Apis* como exclusivo de fêmeas, e também tendemos a retratar a atividade apícola como masculina. Pesado, perigoso e cansativo não

são características inerentes ao trabalho que o qualifiquem como masculino, como um dado da natureza, mas adjetivações mobilizadas para justificar a divisão sexual do trabalho nesta atividade.

Desta forma, as mulheres são direcionadas às tarefas repetitivas, tediosas e minuciosas; àquelas relacionadas à limpeza e ao processamento. Essas tarefas não são “leves” em si mesmas, mas aproximam as mulheres do cuidado doméstico e da esfera da reprodução, rebaixando assim o valor social do seu trabalho na apicultura e ocultando um conjunto amplo de práticas “pesadas” realizadas por elas.

O trabalho no “mato” e o uso do macacão funcionam como símbolos que consolidam e reforçam a divisão sexual do trabalho, criando uma fronteira entre o espaço “produtivo” masculino e o espaço “reprodutivo” feminino. Essa divisão não apenas organiza os papéis dentro da apicultura, mas também invisibiliza a participação das mulheres em atividades consideradas centrais para a cadeia produtiva, restringindo seu reconhecimento como trabalhadoras e impactando na alocação de recursos.

Há pistas de que a participação da mulher na apicultura é reduzida por fatores socioculturais e históricos relacionados ao lugar do trabalho feminino rural. Isso indica também a necessidade de incluir um olhar de gênero para a pesquisa sobre a apicultura para compreendermos não apenas o que é ser uma apicultrora familiar, mas quais são as condições de exercício da atividade para as mulheres rurais, em um contexto de diversificação das atividades (re)produtivas e divisão desigual dos trabalhos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Portaria SDA nº 795, de 10 de maio de 2023*. Define as normas higiênico sanitárias e tecnológicas para os estabelecimentos que elaborem produtos de abelhas e seus derivados. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 160, n. 91, p. 4-6, 15 maio 2023. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=15/05/2023&jornal=515&pagina=4>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. *Exportação e importação municípios*. 2024. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>. Acesso em: 7 out. 2024.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 205-227, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100011>. Acesso em: 7 out. 2024.

BRUMER, A.; ANJOS, G. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. *Revista Nera*, Presidente Prudente, Ano 11, n. 12, pp. 6-17, jan.-jun./2008. Disponível em: <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i12.1396>. Acesso em: 7 out. 2024.

CARVALHO, D. M. C. *et al.* Apicultura em São Raimundo Nonato, Piauí. *Revista Verde*, v. 14, n. 1, p. 85-91, 2019.

FORTES, P. J. O. C. *Melhorias em arranjos produtivos locais: lições de dois casos nordestinos*. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Gestão Empresarial, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/4122>. Acesso em: 7 out. 2024.

FREE, J. B. *A organização social das abelhas (Apis)*. São Paulo: EPU: USP, 1980.

GARCIA JR, A. *Terra de trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HEREDIA, B. M. A. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOLANDA, F. C. C. *Apicultura na microrregião de Picos: um estudo de caso*. 2010. 76f. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Economia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6177>. Acesso em: 7 out. 2024.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais o sexo. In: HIRATA, H. *et al.* (Orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 67-75.

KHAN, A. S. *et al.* *Perfil da apicultura no Nordeste brasileiro*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2014.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres. *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*, v. 1, n. 53, 2021, p. 22-34. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2020v1n53.50869>. Acesso em: 7 out. 2024

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>. Acesso em: 7 out. 2024.

LÔBO, S. O. *Correlações entre o trabalho dos técnicos em apicultura e as comunidades rurais pesquisadas da microrregião de São Raimundo Nonato: coconstrução de tecnologias*. 2020. 367 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/23666>. Acesso em: 7 out. 2024.

MELO, H. P.; MORANDI, L. *Cuidados no Brasil: conquistas, legislação e políticas públicas*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2020. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/17083.pdf>. Acesso em: 7 out. 2024.

MELLO, C. J. *O oitavo do cipó e o desafio da ação cooperativa de agricultores familiares: um estudo de caso sobre os empreendimentos econômicos e solidários das cadeias produtivas do mel e do caju, no território do Vale do Guaribas, PI*. 2010. 134f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/7942>. Acesso em: 7 out. 2024.

NEVES, D.; MEDEIROS, L. (Orgs.). *Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niterói: Alternativa, 2013.

MORENO, R.; GODINHO, T.; FARIA, N. Trabalho como produção do viver: consequências políticas para o feminismo. *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*, v. 1, n. 53, 2021, p. 129-143. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2020v1n53.51440>. Acesso em: 7 out. 2024.

OLIVEIRA, M. C. C. *Centrais de cooperativas agrícolas e desenvolvimento local: a experiência da Central de Cooperativas Apícolas do Semiárido Brasileiro – Casa Apis*. 2014. 132f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/5540>. Acesso em: 7 out. 2024.

PAULILO, M. I. O peso do trabalho leve. *Revista Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1416/opesodotrabalholeve.pdf. Acesso em: 7 out. 2024.

SORJ, B. Socialização do cuidado e desigualdades sociais. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1, p.123-128, jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100009>. Acesso em: 7 out. 2024.

SCHWENDLER, S. F. A divisão sexual do trabalho no campo sob a perspectiva da juventude camponesa. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, n. 1, p. e58051, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n158051>. Acesso em: 7 out. 2024.

VELOSO-FILHO, F. A. *et. al.* A importância da cooperação produtiva nos arranjos produtivos do mel piauiense: caso Simplicio Mendes. *Informe Econômico*, v. 12, n. 28, p.33-39, 2012.